



Working Paper n°10

“A Ecologia Humana no quadro do Ensino Universitário Português. A Licenciatura em Ciência Política e Relações Internacionais da Universidade Nova de Lisboa”

Teresa Ferreira Rodrigues

CEPESE/ IPRI /Departamento de Estudos Políticos, NOVA de Lisboa
trodrigues@fcsh.unl.pt

27 DEZEMBRO 2011

RESUMO

Palavras-Chave: *Ecologia, Ecologia Humana, Licenciatura em Ciência Política e Relações Internacionais*

O presente *Working Paper* reflecte a experiência adquirida ao longo de quinze anos de docência da Unidade Curricular de Ecologia Humana na Licenciatura em Ciência Política e Relações Internacionais da Universidade Nova de Lisboa. O texto inclui algumas reflexões sobre os conceitos de Ecologia e Ecologia Humana e enfatiza as alterações verificadas no âmbito do Processo de Bolonha, estabelecendo a comparabilidade desta Unidade Curricular a nível nacional e europeu.

ABSTRACT

Keywords: *Ecology, Human Ecology, Graduation in Political Science and International Relations*

This Working Paper reflects the experience gained over fifteen years of teaching Curriculum Unit of Human Ecology in the undergraduate degree in Political Science and International Relations at the Universidade Nova de Lisboa. The text includes some reflections on the concepts of Ecology and Human Ecology and emphasizes changes in the framework of the Bologna process, establishing the comparability of this Curriculum Unit at national and European level.

“Sooner or later Human Ecology, under some name or other, will win its way to academic recognition and to its proper place in general education.”

H. G. Wells, *Experiment in Autobiography*, Toronto, Macmillan, 1934

O presente *Working Paper* inclui algumas reflexões sobre os conceitos de Ecologia e Ecologia Humana e reproduz parcialmente o Relatório apresentado em Abril de 2009 para cumprimento dos requisitos necessários às Provas de Concurso para Professor Associado no Grupo de Disciplinas de Ciência Política e Relações Internacionais da Universidade Nova de Lisboa (UNL), na Disciplina de Ecologia Humana (EH), nos termos do nº2 do artigo 44º, do ECDU (Lei nº19/80, de 16 de Julho). As páginas que se seguem reflectem a experiência docente adquirida ao longo de quinze anos de docência na Licenciatura em Ciência Política e Relações Internacionais (CPRI) e, em particular, da experiência de leccionação desta Unidade Curricular. É dado algum ênfase às alterações verificadas no âmbito do Processo de Bolonha (Decreto Lei nº42/06) e estabelecida a comparabilidade desta Unidade Curricular a nível nacional e europeu.

A Licenciatura em CPRI da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da UNL foi criada em 1996 (*DR*, IIª série, nº192, 20 de Agosto, Despacho R/SAc./27/96), recorrendo a pessoal docente desta Unidade Orgânica com formações e

áreas de investigação muito diversificadas no panorama das ciências sociais e humanas. Em parte este compromisso explica o perfil integrado dos seus dois pilares fundadores, respectivamente a Ciência Política e as Relações Internacionais. Longe de vir a constituir-se como um entrave à excelência de ensino, esta origem garantiu a variedade de conteúdos programáticos e de perspectivas, o que em nosso entender veio a representar uma mais-valia a nível formativo. Não obstante, a procura de melhores soluções e estratégias de ensino, bem como a actualização de conteúdos e temas justifica alguns ajustamentos efectuados na estrutura curricular desta formação graduada, que culmina na última grande reestruturação, ocorrida no âmbito do já referido Processo de Bolonha e na adopção de uma estrutura científica integrada e composta por três ciclos de estudos (**Figura 1**).

FIGURA 1. Estrutura Integrada de Ensino em Ciência Política e Relações Internacionais (UNL)

12º Ano	1º CICLO			2º CICLO			3º CICLO			
	Ano 1	Ano 2	Ano 3	Ano 4	Ano 5	Ano 6	Ano 7	Ano 8		
	Licenciatura em CPRI			Entrada de Alunos da FCSH ou externos com 180 ECTS	Pós Grad/Mestrado em CPRI	Especializações	Entrada de Alunos da FCSH ou externos com 300 ECTS	Curso Dout. em CPRI	Ramo CP	Teoria e Análise Política
									Ramo RI	História e Teoria das RI
										Est Segurança e Estratégia
										Est Políticos de Área
										Globalização e Ambiente
	60 ECTS	60 ECTS	60 ECTS	180 ECTS	60 ECTS	60 ECTS	300 ECTS	60 ECTS	60 ECTS	60 ECTS

Fonte: <http://www.fcs.unl.pt/deps/estudos-politicos/docs/pdf.pdf>

Com carácter inovador relativamente a outras licenciaturas nas mesmas áreas científicas, a Licenciatura em CPRI é a única em Portugal a incluir no seu plano curricular a disciplina de EH como Unidade Curricular obrigatória no 2º Ano (4º Semestre). Enquadram-na de forma mais directa três outras (Demografia Social e Políticas Demográficas do 3º semestre e duas unidades curriculares optativas condicionadas, Análise Prospectiva e Planeamento (5º Semestre) e Globalização e Ambiente (6º Semestre)¹. A nível de 2º Ciclo existe uma oferta interdepartamental na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas com a designação de Ecologia Humana e Problemas Sociais Contemporâneos, que até 2005 esteve formalmente ligada ao Departamento de Estudos Políticos. A EH apresentava-se como Área de Especialidade no grupo de disciplinas de CPRI para efeito de obtenção do Grau de Doutor e prestação de Provas Públicas de Agregação até 2008, tendo sido autonomizada. Existe

¹ Disponível em: <http://www.fcs.unl.pt/deps/estudos-politicos/cursos/> (consultado: Janeiro 2011).

hoje em termos de oferta interna departamental numa perspectiva próxima, embora distinta nos seus objectivos e óptica analítica, a Área de Especialização em Globalização e Ambiente, no Mestrado em CPRI, que na actualidade é também uma Especialidade de Doutoramento no Ramo de Relações Internacionais, contando ao momento com várias dissertações em curso (DR, IIª série, nº154 de 11 de Agosto: 35692-35693, Despacho nº20995/2008). A adesão às temáticas abordadas no contexto destas Unidades e Áreas é prova irrefutável da importância atribuída aos aspectos da realidade social e humana nela compreendidos no Mundo global em que vivemos, designadamente no contexto amplo das relações homem/ambiente.

A UC incide no estudo interdisciplinar das relações entre a espécie humana e os ambientes natural e construído e visa estabelecer uma leitura integrada entre história, cultura, populações e biosfera. Atendendo à formação de 1º Ciclo a que se destina, o seu conteúdo concede uma atenção especial às dimensões humanas, sociais e económicas dos problemas ambientais, no pressuposto do conceito de desenvolvimento sustentável. O capital humano desempenha um papel fundamental em todas as tomadas de decisão política, à escala nacional e sobretudo a nível global e as suas características condicionam o presente e o futuro, em termos ecológicos, políticos, económicos, sociais, e formam a cultura e a identidade dos povos. Compreende-se assim o interesse de saber qual é a situação do planeta no momento actual e quais as perspectivas que se abrem a esse propósito, a curto e médio prazos. Ensina a pensar as grandes questões e desafios actuais numa perspectiva ecológica de futuro sustentável e fornece os primeiros passos à investigação neste amplo leque de problemáticas possíveis, que enformam a realidade da sociedade global e de risco.

O que é a Ecologia? No panorama científico português continuam a verificar-se ambiguidades ou mesmo incorrecções quando se fala do objecto de estudo da Ecologia e dos aspectos que lhe são específicos. Esta questão agrava-se, por maioria de razões, no caso da EH. Antes de mais convém reconhecer que Ecologia e Ecologia Humana são distintas do fenómeno do Ecologismo ou Ambientalismo, o qual classifica as acções humanas sobre a natureza, com o objectivo principal de defender e preservar essa natureza. Em Portugal, como noutros países, ambas continuam a ser confundidas com juízos de valor e práticas sociais de carácter ecologista (com a protecção da natureza, a defesa do ambiente, a defesa dos direitos dos animais).

No entanto a Ecologia é uma ciência biológica, detentora de uma estrutura conceptual, um objecto e métodos de análise bem definidos. Por seu turno, a EH distingue-se da anterior, porque tem no Homem o objecto central das suas preocupações. Servindo-se de metodologias e do equacionar de problemáticas diversas caracteriza, analisa e estima as formas de relação do homem ser biosocial, com os meios em que este sobrevive. Trata-se de uma leitura científica e objectiva, o que não significa que da sua aplicação não surjam propostas de carácter preventivo ou pragmático para resolver ou minorar efeitos da acção humana julgados desnecessários ou negativos.

Antes de avançarmos com a resposta à questão do que é a Ecologia Humana convém reflectir sobre o conceito de Ecologia. Em termos de definição ampla esta é a ciência que se debruça sobre o estudo dos organismos em sua casa, ou seja, sobre a relação dos organismos ou grupos de organismos com o meio ambiente. O grego Teofastro terá sido o primeiro a observar estas relações, pelo que pode ser considerado o primeiro ecólogo da História. Com efeito, na Antiguidade clássica surgiram várias obras com ideias que podemos considerar ecológicas. É o caso do tratado do corpus Hipocrático *Dos ares, das águas, dos lugares*, onde o autor faz observações e dá conselhos sobre a influência do meio sobre a saúde e a doença. Exemplos semelhantes podem ser encontrados em Cícero, Virgílio (Livro II das *Geórgias*) e outros filósofos, como Heródoto, Aristóteles e Plínio. Todos têm uma ampla percepção do ambiente, considerando a existência de inter-relações entre os seres vivos e o meio físico, bem como a necessidade de equilíbrio da natureza.

A perspectiva de uma noção ecológica, aplicável a todas as espécies e também ao homem, surge no século XIX com *A Origem das Espécies*, de Darwin, publicada em 1859. Ao relacionar vida e ambiente, admite a sobrevivência diferencial dos indivíduos na espécie, atribuindo um papel significativo às tendências inatas geradoras de variações na espécie e ao ambiente, que pela sua capacidade de suporte limitada induz a competição e selecciona os mais aptos. Mas o termo é mais recente, tendo sido usado em 1866 pelo zoólogo alemão Ernest Haeckel, discípulo de Darwin. É a partir da última década de Oitocentos que o termo Oecologia passou a ser utilizado por alguns naturalistas, a fim de designar a parte da geografia botânica que estuda a relação das plantas com o seu meio. Em 1895, Eugene Warming, botânico dinamarquês, publica o primeiro livro sobre Ecologia Vegetal, traduzido para língua inglesa em 1909, sob o título *Oecology of Plants*. No início do século XX, a Ecologia é

reconhecida como ciência e surgem os primeiros tratados científicos que a tomam como ciência distinta da Biologia, embora com ela intimamente relacionada. Apesar de tudo, haverá que aguardar pelo salto tecnológico e demográfico que caracteriza certas sociedades europeias para que o estudo científico das relações entre os seres vivos seja incorporado de um modo directo aos seres humanos. Daí que a Ecologia enquanto ciência seja relativamente recente, tal como hoje a concebemos.

O termo deriva das palavras gregas *oikos* (casa ou habitação) e *logos* (ciência) e só em meados do século XX entrou no vocabulário corrente. Segundo Eugene Odum (2001), a Ecologia interessa-se “*pela biologia de grupos de organismos e pelos seus processos funcionais na terra, nos oceanos e na água*”. Consiste “*no estudo das relações dos organismos vivos ou grupos de organismos entre si e com os seus meios ambientais (o que inclui o ambiente físico e o biológico)*”. Essas relações são de vários tipos (comensalismo, mutualismo, predação, e outras) e comprovam que os organismos só vivem porque interagem com o meio ambiente externo, embora também nele interfiram, exercendo acções de maior ou menor relevância. O meio externo é composto por factores abióticos (seres não vivos) e bióticos (seres vivos). Efectivamente, os organismos possuem diferentes graus de complexidade, no que concerne à sua estrutura e organização material, que oscila dos microrganismos à biosfera (nada mais que o conjunto de todos os organismos vivos que habitam a terra). O campo de acção da Ecologia é portanto vasto, o que a torna uma ciência integrativa. Em termos históricos, os seus avanços devem-se em larga medida aos contributos de outras disciplinas da área da biologia, mas também da geologia, antropologia, demografia e matemática, o que fez dela uma ciência multidisciplinar.

Na esfera das preocupações científicas, os temas desenvolvidos por esta ciência giram em torno do “*conhecimento das inter-relações dos animais e do ambiente, das causalidades e processos de adaptação; da influência dos factores físicos e biológicos que caracterizam o meio; da influência do isolamento geográfico na selecção natural dos organismos; na determinação das causas passadas e presentes que explicam a diversidade das espécies; e no significado que todos estes aspectos podem ter para a clarificação dos processos de evolução biológica*” (Sacarrão, 1982).

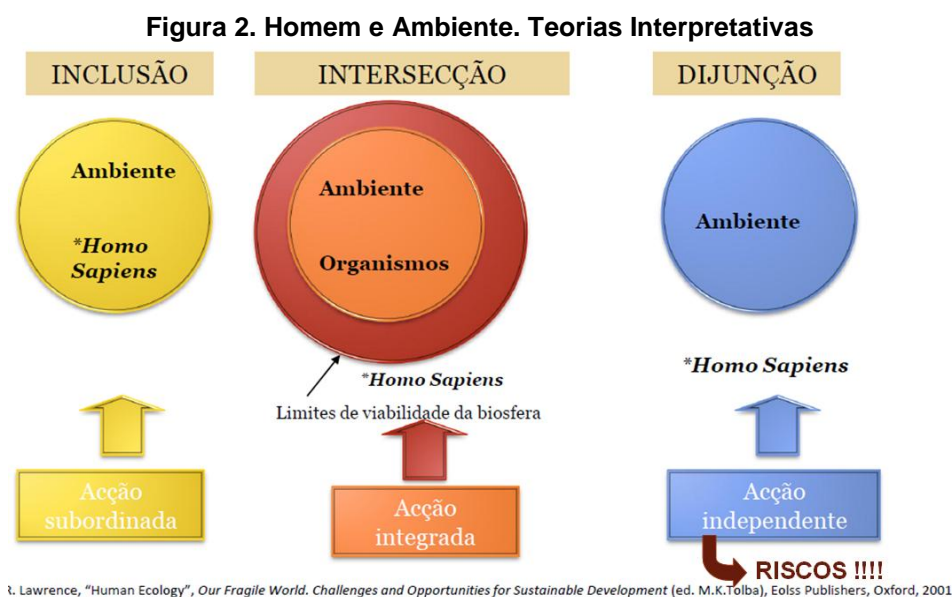
Gradualmente, a Ecologia fragmentou-se em campos particulares de investigação, dando origem a subdisciplinas, das quais se destacam a autoecologia e a sinecologia. A primeira está mais próxima da biologia e estuda a interacção do organismo com o meio (organismos isolados ou de uma só espécie e respectivas

relações com uma ou mais variáveis do ambiente). A segunda está voltada para o estudo das associações naturais de organismos e para a análise das relações complexas que estes estabelecem com o meio ambiente (estudo de grupos de organismos associados entre si como uma unidade). Esta última registou um maior desenvolvimento e adesão por parte da comunidade científica, por ser mais abrangente e baseada na interdependência dos organismos vegetais e animais, que mutuamente se influenciam num dado meio, constituindo um sistema.

O modo como os organismos se organizam no meio ambiente é semelhante à forma como o homem organiza o meio social que habita. Para a Ecologia, o Homem é apenas mais um organismo pertencente à espécie Homo, que por norma se encontra em grupos da mesma espécie, ocupando um determinado lugar e reproduzindo-se entre si. Ou seja, cada homem está inserido numa determinada população e as diferentes populações que convivem numa mesma área mantêm vários tipos de relacionamento e formam comunidades. O tipo de relações é semelhante às dos restantes seres vivos. Oscilam entre o *comensalismo* (sempre que um indivíduo beneficia com a relação em detrimento de outro), a *simbiose* ou *mutualismo* (quando ambos se beneficiam e em situação de separação não conseguem sobreviver), e a *predação* (quando um desempenha o papel de predador e o outro de presa).

E a Ecologia Humana? O homem é como vimos um organismo e um elemento da biosfera, que vive num ecossistema próprio. A sua relação com o meio ambiente tem-se intensificado desde o início do processo de hominização. Primeiro a espécie humana alargou o seu raio de acção para responder a necessidades alimentares, depois foi criando hierarquias e estruturas sociais crescentemente complexas. Partindo de uma relação fraca com o *habitat*, passou-se à ocupação e uso do solo, que culmina no aparecimento de centros urbanos hierarquizados e complexos. A revolução industrial, a produção em série e o desenvolvimento tecnológico promoveram o aumento do consumo de bens, acompanhado por desperdício e poluição. O momento mais crítico desta relação ocorreu já no século XX, no momento em que o homem explorava a natureza convicto de que o poder que exercia sobre o meio físico decorria da sua capacidade de intervenção e adaptação, num pano de fundo de recursos naturais inesgotáveis. O Mundo era visto como uma identidade estática com as suas próprias leis, que o homem, único ser dotado de inteligência, ia descobrindo e aproveitando a seu favor. Centro do Universo, o Mundo era a sua casa bem arrumada,

com a despesa bem fornecida, que ele pouco a pouco ia descobrindo e de que se ia servindo (**Figura 2**)



FONTE: RODRIGUES, 2011

A EH é uma disciplina recente e só começa a ganhar contornos mais específicos durante a segunda metade do século XX. Em 1911 Thompson contribuiu para o seu desenvolvimento, ao constatar semelhanças entre conhecimentos do domínio biológico e das ciências sociais e propiciar o surgimento de uma ponte entre os dois. Este investigador procurou relacionar as duas áreas, identificando semelhanças ou correspondências entre os fenómenos do mundo natural e os fenómenos sociais (simbiose, competição, dominância, sucessão). Na década de 20 surgem as primeiras definições sérias de EH. Em 1921, na obra *Uma introdução à ciência da Sociologia*, Robert Park e Ernest Burgess enunciam uma proposta metodológica inovadora, baseada na aplicação às sociedades humanas de conceitos importados das comunidades vegetais e animais. Bernard admite em 1925 a interdependência entre factores psicossociais e biosociais dentro do ecossistema, dando origem à visão moderna de EH. O homem é único no reino animal enquanto espécie, pela sua aptidão para a cultura e para a comunicação simbólica através da qual a desenvolve e compreende. Entramos no campo da especialização e nessa fase a EH surge ligada à escola de Chicago e aos estudos urbanos, que visam diagnosticar e tentar encontrar resposta para os novos fenómenos sociais emergentes na sociedade americana, designadamente no relativo ao crescimento desordenado dos grandes centros urbanos

e aos problemas de etnicidade, falta de espaço, miséria e condições precárias em que sobreviviam alguns grupos, um pouco a lembrar os primeiros anos da Revolução Industrial inglesa.

Em termos de definição conceptual podemos considerar que a EH é uma ecologia circunscrita, porque voltada para uma espécie concreta. No entanto, a sua área de estudo é mais vasta que a demografia ou a geografia humana, pois abrange as relações estabelecidas entre as populações humanas, colocados ao mesmo nível de importância que os factores externos envolventes. A EH debruça-se sobre as populações humanas e a sua organização em comunidades bióticas e ecossistemas. Desenvolve, nomeadamente, as problemáticas relacionadas com os fenómenos de concentração e crescimento rápido das populações, sobretudo as de países menos desenvolvidos, tanto urbanas como rurais. Interessam-lhe sobretudo os desequilíbrios criados nos ecossistemas vigentes, a alteração do ordenamento do território, a mudança de estruturas sociais. Tornou-se uma ecologia globalizante, dedicada ao *“estudo interdisciplinar das interações entre o homem e o meio ambiente, cujo estudo é realizado sob inspiração sistémica e com objectivos prospectivos”* (Machado, 1985: 33). Numa perspectiva de curto prazo interessa-se pelas condições de vida, saúde e equilíbrio humanos, assim como pelas agressões a que o Homem está sujeito (poluição, stress...) e neste ponto está relacionada com a ciência demográfica, a Sociologia, a Higiene e Medicina Preventiva, a Fisiologia e tantas outras. Numa perspectiva de longo prazo preocupa-se com as repercussões futuras, apoiando-se em fundamentos genéticos e estudando as características morfológicas, fisiológicas e hereditárias; estuda a influência do meio e as interações entre as populações vegetais e animais, nas quais encontramos o homem como espécie privilegiada.

A EH concentra a sua preocupação nas interdependências humanas que se desenvolvem nos quotidianos de cada população e na teia de acções e reacções dessa população com o seu *habitat*. Constitui-se, assim, como uma nova forma de abordagem, um novo nível de pensamento que poderá ser desenvolvido pelas várias disciplinas, garantindo a integridade das mesmas. O seu objecto de estudo, as interações do homem com o ambiente, é considerado como um todo complexo, um sistema. O homem enquanto ser e ente biológico é constituído por sistemas de órgãos e de um encéfalo que o dota com instintos e inteligência para responder a novas necessidades de forma criativa. É ainda possuidor de um património genético cultural.

Embora parta de alguns pressupostos comuns à Ecologia geral, a EH teve de se adaptar às características específicas da população que estuda, marcada pela variedade de comportamentos humanos e a capacidade e apetência que demonstra para controlar o meio em que se insere. Tal é possível pelo domínio que o grupo humano exerce sobre outros seres e pela sua capacidade para desenvolver uma cultura, o que o distingue de qualquer outro ser vivo. Aliás, a especificidade da EH passa pelo reconhecimento do papel decisivo da cultura na formação do sistema social. Podemos afirmar que ela se debruça sobre todas as relações entre pessoas e respectivos meios ambientes, ou seja, ocupa-se de toda a espécie humana e das suas relações complexas com outras componentes do mundo orgânico e inorgânico. Em termos genéricos, esta disciplina divide-se em duas grandes áreas. São elas a ecologia cultural e a ecologia social. A primeira reporta-se ao estudo do modo como a cultura de um grupo humano se adapta aos recursos naturais do meio ambiente e à existência de outros grupos humanos. A *ecologia social* estuda os motivos que levam um determinado grupo (ou estrutura social) a alterar ou criar um meio ambiente global que lhe é mais favorável.

A EH estuda as comunidades das populações humanas na sua perspectiva mais abrangente e olha a realidade em estudo enquanto totalidade, o que exige ao ecólogo que desenvolva a sua investigação fora da sua disciplina. Mas este procedimento não é sinónimo de uma mera justaposição de várias ciências. O que importa é relacioná-las à medida que avança a investigação. O objectivo é sempre o de construir uma concepção global e integradora do segmento da realidade que se decidiu analisar. Face a determinada questão ou hipótese verificar todas as suas características e impactos imediatos e futuros, de modo a também poder sugerir novas formas de agir. Destacam-se assim alguns pontos essenciais: (1) A EH é uma ruptura epistemológica, porque assume o ser humano como parte integrante da natureza, (não se trata do homem versus meio ou natureza; é o homem como parte desse meio) porque nos apresenta uma visão sistémica, onde o facto de se fomentarem alterações num determinado fenómeno irão provocar alterações em muitos outros. Tudo é causa e consequência de tudo; (2) A EH altera a visão tradicional dos cientistas, porque implica uma visão de conjunto. Não é possível isolar objectos de estudo, sem que se iniciem estudos noutras áreas. Por esse motivo, a escolha do tema deverá privilegiar uma escala micro, de modo a minimizar o número de variáveis a considerar; (3) A EH apresenta uma nova ética, porque tem implícita uma perspectiva de futuro e Exige

posturas e atitudes de cidadania responsável e opções quotidianas, de que resulta a sua ligação à esfera política.

Em termos históricos, os comportamentos humanos face à natureza foram até hoje sobretudo de *domínio* e *predação*. Mas no futuro eles deverão ser de *mutualismo*, *simbiose* e *cooperação*, tendo em vista como objectivo final a apreensão da complexidade planetária e a construção de uma melhor qualidade de vida para todos: “*Não herdamos o presente dos nossos pais; emprestamo-lo aos nossos filhos*” (Saint Exupery).

O que nos pode dar a Ecologia Humana? A visão ecológica sobre os problemas humanos traduz-se numa nova forma de olhar para o que nos rodeia, de reequacionar a forma como as gerações futuras deverão viver o quotidiano, já que o homem tem de resolver a sua relação com a natureza, mas também com os seus pares; em colocar questões que tornem mais clara a necessidade de intervir; em intervir a dois níveis um tanto diferenciados: a) investigar as interacções humanas directamente ligadas a processos físicos e ambientais (lixo, água, poluição...); b) investigar as actividades sociais, económicas e institucionais (o que deve e está a ser feito). A EH estuda o papel do meio na diferenciação das populações e a adaptação destas aos diferentes meios, que pode ser uma adaptação biológica, mas é também cultural. Um exemplo recorrente é o dos efeitos do sobrepovoamento de certas partes do Mundo. Como fazer para controlar o crescimento populacional e encontrar o equilíbrio harmonioso entre população, recursos e desenvolvimento? Estuda igualmente as actuações do homem físico, químico, biológico e cultural numa perspectiva global e integradora, pelo que necessita de uma atitude científica globalizante e de uma metodologia que integre a dinâmica das interacções bioculturais. O objectivo é conhecer o tipo de apreciação e apropriação que os indivíduos fazem do meio físico e do meio social no seu quotidiano, ou seja, no seu nicho ecológico.

Atravessamos uma fase em que é difícil avaliar eficazmente os riscos da acção do homem no ambiente e nos sistemas ecológicos. A investigação sobre o seu impacto tem de ter em conta as transformações contínuas dos grupos sociais, da economia internacional, da política global, da diversidade cultural e religiosa, pois o ambiente explica e é explicado por todas estas dimensões. Algumas, inevitavelmente, surgirão no século XXI como geradoras dos principais problemas sociais contemporâneos.

O Ensino da Ecologia Humana - A área científica de estudos em EH tem-se desenvolvido em dois planos distintos, embora com inevitáveis e cada vez mais claros pontos de convergência. Com o propósito de responder a algumas questões de índole pluridisciplinar foram criados nos finais dos anos 60 e inícios de 70 vários centros de investigação na Polónia, Áustria e Alemanha, que se definiam como unidades de investigação na óptica ecológica. O surgimento destas estruturas de pesquisa em rede precede no caso europeu a oferta de formação universitária nesta área específica. Referimo-nos, designadamente, ao *International Certificate of Human Ecology/Certificat International d'Écologie Humaine* (CIEH) criado em Outubro de 1975, à *European Association of Human Ecology* (EAHE) constituída em 1989, que agregava instituições diversas, bem como alguns departamentos universitários e escolas de ensino superior activos na área da Ecologia. Portugal, Suécia, França, Bélgica, Suíça, Reino Unido e Itália pertencem a esta rede². Ainda em 1989 eram fundadas a *Danish Society for Human Ecology and Social Sciences* e a *Italian Society for Human Ecology*, a *German Society for Human Ecology* e a *Nordic Society for Human Ecology*. Desde meados dos anos 90, a EH existe como área de investigação na maior parte dos países europeus e na quase totalidade dos países da União Europeia. Mais recente, e compreendendo uma rede geograficamente diversa, porque composta por países membros da Commonwealth, há que destacar a mais-valia criada pela *Commonwealth Human Ecology Council*, reconhecida pelas Nações Unidas, cuja área de intervenção se alarga a nível dos temas do desenvolvimento humano, bem estar social e crescimento económico³. A consulta da *Human Ecology Review*, órgão oficial da *Society for Human Ecology*, sediada na Michigan State University, e a análise da composição da respectiva Comissão Científica, onde figuram docentes e investigadores de 34 universidades e colégios dos Estados Unidos da América e quatro universidades europeias (Mérida, Berlim, Viena e Bruxelas), atesta também o quanto esta área científica tem ganho espaço no contexto da sociedade global de informação fora do espaço europeu⁴.

Mas apesar destes progressos a nível de investigação persistiu alguma timidez a nível de formação. Hoje ainda não existe uma tradição de ensino em EH a nível de

² Nesse conjunto estava representado Portugal, através do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Évora (HENS, 1994: 11-14).

³ CHEC website: (<http://www.chec-hq.org/>) (consultado em Dezembro 2010)

⁴ Disponível em <http://www.humanecologyreview.org/HERflyerJan2007.pdf>) Para mais informação sugere-se o acesso ao website <http://www.humanecologyreview.org>. "The Society for Human Ecology (SHE) is an international interdisciplinary professional society that promotes the use of an ecological perspective in research, education, and application." (BORDEN, 2008)

formação do actual 1º Ciclo (Licenciatura), situação que contrasta com a aposta já feita e a oferta existente a nível pós graduado, onde são vários os exemplos de uma prática relativamente consolidada de ensino, dentro e fora do espaço europeu. Na realidade, as primeiras iniciativas neste campo coincidem em termos cronológicos com a formação das redes de investigação nos anos 70, consubstanciadas numa nova óptica na abordagem de vários problemas emergentes, como os do ambiente, sustentabilidade de recursos, saúde humana, migrações. É impossível entender esta opção, se não atendermos à história recente desta área científica, bem como à sua natureza interdisciplinar e transdisciplinar, erguida a partir das interações entre e com diferentes ecossistemas, autónoma, mas a exigir uma leitura integrada da realidade actual, esforço que pressupõe uma maturidade e um nível de conhecimento dificilmente exigíveis a um estudante de 1º Ciclo. Pela sua especial ligação às áreas de Estudos Políticos, a que se reporta a Unidade Curricular de EH na FCSH, cumpre ainda mencionar o papel desempenhado pela *International Organization MBA (IOMBA)* em Genebra⁵, que articula o mundo universitário com o a intervenção política e ambiental, através da formação de quadros para Organizações não Governamentais, como a *Urban Ecology Australia Inc*⁶.

Outras instituições extra europeias nos EUA, no Brasil, na Austrália e na Nova Zelândia oferecem cursos com enfoque nestas matérias, ainda que também na sua quase totalidade a nível de formação profissional e ensino pós graduado. Aí prevalece uma filosofia mais próxima da formação ao longo da vida, voltada para o mundo empresarial, o *marketing* e a publicidade, saúde e intervenção política e ambiental, sem

⁵ “IOMBA is a unique programme that prepares professionals for careers in the increasingly interconnected fields of international governmental and nongovernmental organizations and companies that work with these institutions. Multilateral institutions are playing new and growing roles in addressing international economic, security, environmental, and social issues. Simultaneously, non-governmental organizations and trans-national corporations are emerging as important non-state actors. The IOMBA applies business management skills to the distinctive setting of these institutions. The IOMBA taught in English that equips students with (1) an understanding of the global socio-economic context within which international and nongovernmental organizations operate; (2) advanced management training; and (3) ongoing engagement with international and nongovernmental organizations.” (<http://hec-executive.ch/iomba/www/>)(consultado em Outubro 2010)

⁶ “UEA is accredited as an NGO with the United Nations. It has the following objectives and purposes: (a) To educate, inform and facilitate the exchange of information about the evolution of ecologically integrated human settlement through conferences, lectures, published papers, newsletters, participation in expositions and fairs, maintaining a library, and through other appropriate means; (b) To sponsor, undertake and encourage research to be carried out in relation to the evolution of ecologically integrated human settlement. (c) To provide an independent, community-based focus for co-ordinating and advocating action to transform existing human settlements in the direction of ecological integration, health, and social vitality and equity; (d) To participate in building new ecologically integrated, healthy, socially vital and equitable new human settlements. (e) To do all such other things as are conducive or incidental to the attainment of any or all of the above.” (Disponível em <http://www.envirolink.org/external.html?www=http%3A/www.urbanecology.org.au&itemid=200323191614> (consultado em Outubro 2010)

descurar os campos de interface com a Antropologia, Geografia, Psicologia, Biologia, Sociologia, Planeamento Urbano⁷. É possível verificar o vasto leque de instituições empenhadas nos estudos desta área fora da Europa. A multiplicidade de objectivos e sectores de intervenção privilegiada das instituições envolvidas tem correspondência com a variedade de Departamentos e Faculdades onde estas disciplinas são leccionadas, às quais acresce, por maioria de razões, a multiplicidade de origens e formações científicas dos docentes. O sector do ambiente, da biologia, medicina e saúde pública, educação e *marketing* mostram maior visibilidade neste contexto.

A análise da informação disponibilizada nas várias instituições, que a uma escala global assumem as preocupações de interface populações e ambiente na óptica da EH, evidencia a inexistência de uniformidade a nível de conteúdos programáticos. Estes últimos apresentam enorme discrepância, designadamente quanto ao tempo de trabalho que o estudante deve desenvolver, no período de tempo estipulado para adquirir as competências mínimas de formação. Mesmo restringindo a nossa análise às instituições universitárias onde a EH surge como disciplina curricular, como a Universidade de Évora, Vrije Universiteit Brussel e a Göteborgs Universitet, a comparabilidade continua a ser difícil. O mesmo sucede com a bibliografia considerada de referência, a qual evidencia opções distintas entre a escola francófona ou a anglo-saxónica. No quadro da adopção do Acordo de Bolonha, a mobilidade de estudantes nesta disciplina não está prevista, pese embora o facto da mesma ter, nomeadamente no caso da UNL, uma procura significativa por parte de estudantes estrangeiro.

O ensino da EH surge em Portugal ligado à linha orientadora a nível de conteúdos conceptuais da Vrije Universiteit Brussel, que desde 1975 lidera o Certificado Internacional de Ecologia Humana (CIEH). O referido documento, assinado entre esta instituição, a sua congénere de língua francesa e as Universidades de Paris V, Genebra e Toulouse, sob o patrocínio da Organização Mundial de Saúde (OMS), permitiu numa fase inicial o avanço do educação em Ecologia, rapidamente alargado à Ecologia Humana. Neste momento encontra-se activa uma rede internacional constituída por doze parceiros, onde esta última tem um lugar próprio a nível de

⁷ Vejam-se, no caso norte-americano, os exemplos da *Society for Human Ecology* (SHE), dedicada à pesquisa e formação de profissionais qualificados (*consultado em Outubro 2010*) (Disponível em <http://www.societyforhumanecology.org/sheofficers.html>) ou o Curso Especial do Departamento de Antropologia do Hunter College, voltado para o ensino dos sistemas de interacção entre populações e ambientes, nas áreas de interface com a Antropologia, a Geografia, Psicologia, Biologia, Sociologia e Planeamento urbano (disponível em <http://maxweber.hunter.cuny.edu/anthro/ecology.html>) (*consultado em Outubro 2010*).

formação e investigação⁸. Em algumas universidades fundadoras, o ensino da Ecologia registou perturbações, exceptuando o caso da VUB/ULB, a qual organiza cursos anuais regulares em flamengo e inglês, dirigidos a públicos com níveis de especialização variados. De destacar, pela sua importância em termos de oferta internacional, o Mestrado para estrangeiros designado *Master's Program in Human Ecology*⁹. Já obtiveram um diploma nesta especialidade cerca de 400 alunos¹⁰. Em 1990 a mesma instituição criou um curso para especialistas na área do Ambiente (*Environmental Impact Assessment – EIA*). Os dois cursos decorrem na Faculdade de Medicina e Farmácia, o que explica alguma incidência preferencial nas áreas das ciências da saúde, da biologia, genética e medicina¹¹.

Mais recentemente, e com outro enfoque temático preferencial, a Suécia surge como referência a nível de ensino superior universitário neste campo científico. A formação em EH, também ela de pós graduação, é liderada em termos institucionais pelas Universidades de Gotenburgo e Lund, embora abrangendo um universo de discentes e investigadores ainda restrito.¹² Em qualquer delas a investigação e ensino encontra-se ligada aos estudos ambientais, resultando na primeira numa articulação entre a Faculdade de Ciências Sociais e a School of Global Studies e na segunda concretizando-se no *International Master's Programme in Human Ecology: Culture, Power, and Sustainability (CPS)*¹³, que teve a sua primeira edição em 2009. É constituída por vários seminários correspondentes a 7,5 ECTS, dos quais um pode ser efectuado à distância em língua inglesa: *Human Ecology: Global Environmental Justice*.

De reter que: a) a uma já considerável tradição do ponto de vista da pesquisa e investigação científica, não corresponde na íntegra a formação em termos de ensino superior; b) existe uma forte diversidade de situações entre países e graus diversos de empenhamento na articulação ensino/investigação, embora se privilegie a aposta a

⁸ V. actividades e relações bilaterais e multilaterais tornadas possíveis pelo *Network of International Centre for Human Ecology* e a *Society of Human Ecology*. (Disponível em <http://www.envirolink.org/resource.html?itemid=1071&catid=5>) (consultado em Outubro 2010)

⁹ *Master in Advanced Studies in Human Ecology* (Disponível em <http://www.vub.ac.be/english/infoabout/education/bama/of-mnm-humanecology.html>) (consultado em Novembro 2010)

¹⁰ <http://www.vub.ac.be/MEKO/HUMECO/> (consultado em Outubro 2010)

¹¹ Cf. Brochura na página inicial da Universidade (Disponível em <http://www.vub.ac.be/MEKO/HUMECO/Brochure%20human%20ecol%20Aug07.pdf>) (consultado em Outubro 2010)

¹² Facto sublinhado pelos avaliadores externos nacionais in *Evaluation of undergraduate and postgraduate programmes in human ecology at the universities of Goteborg and Lund* (disponível em <http://www.hsv.se/aboutus/publications/reports/reports/2006/evaluationofundergraduateandpostgraduateprogrammesinhumanecologyattheuniversitiesofgoteborgandlund.5.44aba2dc11030072f75800055198.html>)

¹³ <http://www.humecol.lu.se/master-s-programme> (consultado em Outubro 2010)

nível pós-graduado; c) é notória a diversidade de perspectivas e temáticas privilegiadas em cada caso, que espelha as formações e integração institucional das Universidades e outros Institutos empenhados no desenvolvimento destas matérias. Uma vez sumariados sem pretensões de exaustividade alguns factos que ajudam a compreender o ponto de situação que define actualmente o ensino da EH a nível do ensino superior internacional, torna-se pertinente atender ao contexto do ensino universitário português.

O Ensino da Ecologia Humana em Portugal e na FCSH - Nos anos 70 o ensino da Ecologia Humana surge em Portugal na Universidade de Évora, pela mão de Almerindo Lessa, Manuel Guerreiro, Ribeiro Telles, Manuel Nazareth e outros (CARVALHO, 2010). A formação académica diferenciada destes fundadores (Medicina, Agronomia, Arquitectura Paisagista, Demografia) marcou as áreas privilegiadas de desenvolvimento desta nova forma de olhar as populações humanas nos seus ambientes. Na Universidade de Évora existe um Departamento de Ecologia¹⁴, o qual se autonomizou ainda nos anos 70 do Departamento de Planeamento Biofísico, com o objectivo de organizar o ensino na área do Ambiente em novas estruturas concebidas para promover e facilitar o diálogo inter e transdisciplinar. Desde a sua formação, a perspectiva académica que preside às actividades de formação do Departamento tem privilegiado o diálogo interdisciplinar, ao integrar nos seus quadros elementos provenientes das áreas da Química, Biologia, Medicina, Engenharias Biofísica, Zootécnica e Agronómica e EH. O seu corpo docente presta apoio a várias Licenciaturas, bem como aos Mestrados de Conservação e Recuperação de Águas Interiores e ao de Biologia e Ecologia do Litoral Marinho, o que reflecte a importância que tem vindo a assumir a EH como óptica de leitura e análise englobante dos grandes problemas da sociedade actual. O Mestrado em EH foi o primeiro a ser criado em Portugal, tendo funcionado com regularidade desde 1986¹⁵.

Por seu turno, a FCSH da UNL fundada em 1977 com os objectivos estatutários de promover e desenvolver o ensino, a investigação, a criação e difusão da cultura e a prestação de serviços à comunidade nas áreas de especialização das ciências sociais

¹⁴ Disponível em <http://www.decol.uevora.pt/estrutura.php#> (consultado em Outubro 2010)

¹⁵ Portaria 205/86, de 10 de Maio. Está actualmente regulamentado pelo Despacho 1/SAC/95, subsequente à deliberação de 13 de Abril de 1994 do senado Universitário (DR, IIª Série, nº62-14/03/1995: 2856 (42) (43). Disponível em http://www.ensino.uevora.pt/meh/mestrado/raiz/fs/objectivos_fs.htm (consultado em Outubro 2010)

e humanas, só assume a EH em meados dos anos 90. A sua introdução na estrutura curricular foi inicialmente apenas a nível pós-graduado, por Manuel Nazareth. No ano lectivo de 1993-1994 surge a disciplina de Princípios Básicos de Ecologia Humana no Mestrado em Demografia Histórica e Social. Em 1995 é criado o Mestrado em Estudos da População e Ecologia Humana e dois anos depois este último dá lugar ao curso de Mestrado em Ecologia Humana e Problemas Sociais Contemporâneos¹⁶. O plano de estudos deste último mestrado inseria-se num programa de ensino e investigação que envolvia uma rede de universidades europeias, entre as quais a UNL através da FCSH, que a ele formalmente adere em 1996. O ISEGI, através da especialidade de Sistemas de Informação Geográfica, Demográfica e Ambiental do Mestrado em Estatística e Gestão de Informação, ficará ligado durante vários anos ao Certificado Internacional de Ecologia Humana. E em 2000 a EH torna-se uma das especialidades de Doutoramento no Ramo de Relações Internacionais, então instituído na FCSH. É também nesse ano criado o Grupo de CPRI, sendo a EH reconhecida como umas das disciplinas de especialidade para a realização de Provas de Agregação e Concurso¹⁷. Até hoje a nível pós graduado receberam o título de Mestre em Ecologia Humana e Problemas Sociais Contemporâneos nove dezenas de estudantes. Existem sete Doutores no Ramo de Relações Internacionais e um Agregado no Grupo de CPRI, todos na Especialidade de Ecologia Humana com diploma da FCSH.

No que concerne o ensino superior a nível de Licenciatura os avanços do ensino da disciplina de EH na UNL reportam-se a 1996-1997, na sequência da reestruturação do Curso de Sociologia (*DR*, IIª Série, nº192, 20/08/96, Despacho nº27/96). O novo regulamento que resulta desse processo previa a fixação anual de disciplinas optativas e é neste contexto que surgem duas opções semestrais com precedência entre si, que se mantiveram em funcionamento entre 1998 e 2003. Referimo-nos às disciplinas de Ecologia Humana e Prospectiva I e Ecologia Humana e Prospectivas II¹⁸, cuja oferta e imediata adesão por parte dos alunos da Licenciatura em CPRI foi notória (57 inscritos em 2003-2004, 125 em 2007-2008). O reconhecimento do interesse desta área

¹⁶ Despacho nº16017/99 (*DR*, IIª Série, nº192, 18-8-1999: 12283). Em 2004 foram feitas algumas alterações curriculares (Despacho nº23 065/2004, *DR*, II Série, nº 264, 10-11-2004: 16674-16675).

¹⁷ Que actualmente se mantém apenas para este último efeito. Como referimos, a reestruturação do Doutoramento em Ciência Política e Relações Internacionais retirou a Ecologia Humana do quadro das especialidades, uma vez assumido a nível científico o seu carácter predominantemente interdisciplinar. A EH poderá vir a constituir no futuro próximo um Grau independente para efeitos de 3ºCiclo.

¹⁸ O 1.º semestre correspondia à aprendizagem intensiva de técnicas e instrumentos de análise e prospectiva e o 2.º semestre consistia na realização de um trabalho prático de aplicação. Assim, apenas os estudantes com aproveitamento em Ecologia Humana e Prospectiva I podiam frequentar o nível II.

científica para a formação dos licenciados em CPRI explica a incorporação em 2003 de uma cadeira designada EH no tronco comum obrigatório do plano curricular (DR nº 182, IIª Série, 08-08-2003, Despacho n.º 15 541/03). A partir do ano lectivo de 2003-2004 a disciplina passa a ser leccionada na FCSH por um docente do Departamento de Estudos Políticos, embora permita a inscrição de alunos procedentes de outras áreas de formação. O número de inscritos nesta disciplina tem variado anualmente, em função do *numerus clausus* da Licenciatura em CPRI e da procura externa ao Departamento, com destaque para os estudantes oriundos das Licenciaturas de Sociologia, Geografia e Planeamento Regional e Ciências da Comunicação (CARVALHO, 2009).

Tabela 1. Áreas Científicas do 1º Ciclo em CPRI

Áreas Científicas	Sigla	Créditos ECTS	
		UCs obrigatórias	UCs optativas
Metodologias das Ciências Sociais	POMET	12	
Ciência Política	POCP	36	
Relações Internacionais	PORI	30	
Ecologia Humana	POEH	18	
Direito	PODIR	12	
Economia	POECO	6	
Sociologia histórica e política	POSHP	6	
Economia, Direito e outras			30
Opções de escolha livre ou Minor	-----		30
Total		120	60

Fonte: *Proposta de Alteração do Curso de Ciência Política e Relações Internacionais*, 2006

A Licenciatura em CPRI, reestruturada de acordo com os princípios subjacentes ao Processo de Bolonha, tem a duração de 3 anos e é constituída por unidades curriculares que podem ser divididas em várias grandes áreas científicas, de entre as quais a EH ocupa o 3º lugar. Dos 180 ECTS necessários para completar o 1º ciclo, 36 têm de ser obrigatoriamente efectuados na área da Ciência Política, 30 na área de Relações Internacionais, 12 nas áreas de EH e Direito, sendo os restantes obtidos noutras áreas das Ciências Sociais (**Tabela 1**). A adequação do curso de 1º Ciclo em CPRI manteve a obrigatoriedade da EH, integrada num conjunto de três unidades curriculares a partir de 2006-2007. Referimo-nos às disciplinas de Território e Sociedades (1º Semestre) e de Demografia Social e Políticas Demográficas (3º semestre). O terceiro lugar ocupado por esta área na formação dos licenciados em CPRI reflecte o reconhecimento da importância das matérias nela veiculadas, num

contexto de complexidade crescente e globalização das Relações Internacionais, com continuidade em termos de formação pós-graduada.

A Disciplina no contexto curricular da Licenciatura em CPRI da UNL- A articulação dos conteúdos programáticos e a definição de métodos de ensino será tanto mais consistente e eficaz quanto maior a sua adaptação às características da população a quem o Curso se destina. A aplicação das novas linhas orientadoras obriga a repensar o processo educativo, agora mais que nunca focado na orientação do tempo de trabalho do aluno e das actividades educativas, para assegurar a concretização plena dos objectivos de aprendizagem definidos pelo docente. A tradição em basear o sistema de ensino na mera transmissão de conhecimentos é desvalorizada, em favor de uma nova perspectiva, assente num conjunto de objectivos gerais e específicos centrados no aluno e na garantia da sua aquisição de competências (Ribeiro,1993:84-88).

Os currículos devem ser determinados por diversos contextos. A opção de determinado leque de disciplinas e a definição dos conteúdos específicos de cada uma delas só faz sentido e ganha identidade se tiver em conta a realidade envolvente, à escala internacional, nacional, regional, local e ainda, paralelamente, a da instituição responsável pela formação científica e pessoal. Em simultâneo, os currículos devem ter também em consideração factores de ordem social, económica, política e institucional, que também devem ser tidos em conta nos modelos escolhidos para a estrutura curricular. A ligação entre a realidade social em constante mutação e as novas necessidades que emergem no domínio da educação e do ensino tem sido objecto de intermináveis debates e encontros, bem como uma preocupação anunciada por todos os responsáveis deste sector (EMIDIO:1992). Há que tentar encontrar no ensino superior universitário as formas mais correctas de resposta aos novos desafios que se colocam à sociedade portuguesa, num contexto amplo. Compete ao ensino superior formar diplomados nas diferentes áreas do conhecimento, aptos para a inserção em sectores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade portuguesa.

Esses propósitos vão ao encontro do definido pela UNL e pela FCSH em especial no momento da sua criação em 1977 (Decreto-Lei nº463 -A/77, de 10 de Novembro): "*A Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa é uma instituição vocacionada para o ensino, para a investigação científica e para a criação cultural. Exerce esta actividade num espírito público e de modo a*

contribuir para o desenvolvimento cultural, social e económico de Portugal, das comunidades de raiz portuguesa dispersas pelo Mundo e dos países de língua oficial portuguesa" (Estatutos e Regulamentos da F.C.S.H., Lisboa, 1991: 9). Se hoje esses objectivos ganham novos contornos, eles continuam a ser princípios estruturantes. No vasto leque de licenciaturas e pós-graduações que a FCSH actualmente assegura cruzam-se os propósitos de enriquecer a formação humana ao seu mais alto nível, nas suas vertentes culturais, científicas, técnicas e profissionais, com o de contribuir para o desenvolvimento da investigação fundamental e aplicada, tendo em atenção as necessidades da comunidade. Surge assim a Licenciatura em CPRI, que visa "formar quadros bem preparados para servir o País e a União Europeia, em sectores chave da decisão e da Administração, contribuindo também para o fortalecimento da cultura política", e é de "interesse estratégico, no quadro das matérias leccionadas e investigadas na UNL" (Regulamento da Licenciatura, Art.2º, alínea 3, DR, IIª Série, nº192, 20-08-1996: 11672).

Estes princípios norteadores fundamentam a existência de uma Unidade Curricular designada EH, disciplina semestral obrigatória no 4º semestre da Licenciatura de CPRI do Departamento de Estudos Políticos da UNL. Esta UC foi por nós leccionada desde 2003-2004, depois de termos assegurado a docência durante vários anos das disciplinas entretanto extintas de Ecologia Humana e Prospectiva I e Ecologia Humana e Prospectiva II.

Constituem Objectivos Gerais da UC: a) Fornecer uma adequada preparação científica de base, no domínio da Ecologia e sobretudo da Ecologia Humana aplicada; 2) Incrementar o gosto pela pesquisa, tendo em conta a necessária e contínua formação, com recurso a uma informação actualizada sobre teorias e práticas; 3) Fomentar o interesse dos alunos pelo levantamento e tratamento de informação, baseados em novas técnicas de pesquisa e novas perspectivas de análise; 4) Adquirir competências ao nível da expressão oral e escrita; e 5) Identificar e discutir alguns problemas globais contemporâneos, à luz da perspectiva ecológica, ao nível das dinâmicas específicas das populações humanas e sobre o modo como estas se relacionam entre si e com o meio. Os Objectivos Gerais desdobram-se em outros mais específicos, quer no domínio da aquisição de conhecimentos, quer de competências, tendo em vista a perspectiva de formação para o exercício da cidadania e de uma futura actividade profissional. Esta aposta explica a estruturação interna da UC em três Módulos, onde se procuram abordar na perspectiva específica da CPRI as relações

entre população, ambiente e sociedade. No Módulo 1 definem-se vários conceitos operatórios, designadamente os de Ecologia, EH, Ecosistema e Problema Social, sublinhando a especificidade da perspectiva ecológica face a outras ciências. O seu propósito é garantir uma correcta compreensão do significado e implicações dos vários conceitos. O Módulo 2 é dedicado às questões da investigação na óptica ecológica. Faz-se a ligação entre teoria e prática, apresentando algumas metodologias utilizadas neste tipo de estudos e vários sistemas de informação com interesse para a abordagem das questões sociais vistas à luz da EH. No Módulo 3 desenvolvem-se temas específicos, seleccionados de entre outros possíveis (grandes questões demográficas e ambientais da actualidade; globalização e desigualdades de riqueza e desenvolvimento humano; transição urbana; transição ambiental; transição sanitária; transição das atitudes face à vida e a não renovação das gerações; transição familiar e a ecologia dos comportamentos; especificidade dos ecossistemas urbanos; educação ambiental e a cidadania).

Existem diferenças entre os objectivos específicos das aulas teóricas e das aulas teórico-práticas. No entanto elas complementam-se, estando estruturadas de forma a assegurar a articulação entre conteúdos e processos de aprendizagem, que contribuam para consolidar a formação na área específica da EH e, em simultâneo, ensinem a gerir correctamente a informação relevante. Com o objectivo de atingir estes dois planos, o programa é estruturado em torno de três grandes módulos: 1) Definições e Conceitos; 2) A Investigação: Ecologia Humana Aplicada; 3) Pensar Global e Agir Local? Que desafios.

Num momento de profundas mudanças no sistema de ensino universitário e num Mundo global e de risco, também ele em rápida modificação, ao docente universitário compete, ainda de forma mais evidente numa área como a de CPRI, criar as condições necessárias para (in)formar cidadãos activos e conscientes, com competências para: 1) Conhecer e compreender das teorias, métodos, fronteiras e natureza da ciência política e das relações internacionais; 2) Conhecer e compreender os conceitos, estruturas, contextos e ideias instrumentais na área da ciência política e das relações internacionais; 3) Adquirir competências intelectuais adequadas para identificar, descrever e avaliar a informação relevante no âmbito político e das relações internacionais; 4) Adquirir competências intelectuais genéricas para desenvolver argumentos, sintetizar informação relevante e exercer julgamento crítico sobre as

implicações éticas na área da política e das relações internacionais; 5) Desenvolver aptidões pessoais para manusear, seleccionar e comunicar informação (escrita e oral); 6) Desenvolver aptidões pessoais para realizar trabalho autónomo, com espírito de iniciativa e auto disciplina; e 7) Desenvolver aptidões pessoais para colaborar em rede, com vista a fins colectivos, tal como consta da Proposta de Alteração do Curso de Ciência Política e Relações Internacionais, em vigor desde 2006-2007.

BIBLIOGRAFIA

- BEAUD, Michel et alii, *Estado do Ambiente no Mundo*, ed. Perspectivas Ecológicas, Lisboa, 1993
- BORDEN Ricard J, "A Brief History of SHE Reflections on the Founding of the First Twenty Five Years of the Society of Human Ecology", *Human Ecology Forum*, 15, nº1, 2008 (<http://www.humanecologyreview.org/pastissues/her151/borden.pdf>) (consultado em Fevereiro 2009)
- CARRAPETO, Cristina, *Educação Ambiental*, Universidade Aberta, Lisboa, 1998
- CARVALHO, F. (2009) "Ensino universitário da Ecologia Humana: O caso particular da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa - um contributo" WP_CEPSE, <http://www.cepese.pt/portal/investigacao/working-papers/populacao-e-prospectiva/breve-historia-do-ensino-da-ecologia-humana-na-faculdade-de-ciencias-sociais-e-humanas-da-universidade-nova-de-lisboa>
- Centre Universitaire d'écologie Humaine et des Sciences de l'Environnement de l'Université de Genève* (CUEH), Nouvelles, nº24, Genebra, 1999
- Comissão das Comunidades Europeias, *Livro Verde sobre o Ambiente Urbano*, Lisboa, 1987
- DAJOZ, Roger, *Ecologia Geral*, ed. Vozes, Petrópolis, 1978
- EMÍDIO, M.T., FERNANDES, G. ALÇADA, I., *Desenvolvimento Curricular. Gabinete de Estudos e Planeamento do Ministério da Educação*, Lisboa, 1992.
- GUERREIRO, M. Gomes, *O homem na perspectiva ecológica*, Fund. Para o Desenv. Da Univ. do Algarve, Faro, 1999
- HAWLEY, Amos H., *Teoria de la Ecologia Humana*, Ed. Tecnos, Madrid, 1996
- HENS, Luc, "EMERALD Networking in Human Ecology in Europe", *Environmental Management and Health*, 1994, 5, nº2, MCB University Press Limited, 11-14 (<http://www.emeraldinsight.com/10.1108/09566169410057119>) (consultado em Dezembro 2008)
- LAMY, M., *Introdução à Ecologia Humana*, Ed. Piaget, Lisboa, 1998.
- MACHADO, P.A., *Ecologia Humana*, São Paulo, 1985
- NAZARETH, M., "Demografia e Ecologia Humana", *Análise Social*, nºXXVIII, 1-2-3, Lisboa, 1993, pp.2-34.
- NETO, Domingos, *Ecologia e relações humanas*, Fim de Século, Lisboa, 2000
- ODUM, Eugene P., *Fundamentos da Ecologia*, Fundação C. Gulbenkian, Lisboa, 2001
- OLIVIER, George, *Ecologia Humana*, Lisboa, 1979
- PITÉ, M.T., Avelar, T., *Ecologia das Populações e das Comunidades. Uma abordagem evolutiva da biodiversidade*, F.C. Gulbenkian, Lisboa, 1996
- RIBEIRO A.C., "Justificação do Currículo", *Guia da Reforma Curricular – Documentos de Trabalho*, Texto Editora, Lisboa, 1993, 84-88.
- ROBERTO, Júlio, *Ecologia Humana*, Ed. ITAU, Lisboa, 1996

SACARRÃO, Germano da Fonseca, *O ecossistema e o meio físico*, Com. Nac. Do Ambiente, Lisboa, 1982

SMITH, Mark J., *Manual de Ecologismo – rumo à cidadania ecológica*, Instituto Piaget, Lisboa, 2001

SUSUKI, S., *Human Ecology*, V.U.B. Press, 1991.